

VOZ OPERÁRIA

Nº 185 ★ RIO DE JANEIRO, 13-XII-1953



EXIGEMOS A PAZ!

VIVA O CONGRESSO DOS POVOS PELA PAZ!

O povo brasileiro fez sua escolha: repele a guerra, exige a paz

(REPORTAGEM NA TERCEIRA PÁGINA)

O Congresso dos Povos

ESTA reunido em Viena o Congresso dos Povos Pela Paz. Em todo o mundo multiplicaram-se os esforços e iniciativas para que dele participassem todas as personalidades, organizações, entidades ou correntes interessadas em fazer prevalecer o espírito de negociação, de entendimento e não as soluções de força, a guerra, para os problemas internacionais. Estes esforços alcançaram um êxito brilhante, criaram as condições materiais para se pudessem manifestar livre e amplamente, as mais diversas forças de paz. O Congresso dos Povos já infligiu a primeira grande derrota às negras forças da guerra, que pretendiam boicotá-lo pelo silêncio e continuar sua ação contra a humanidade como se ele não existisse. Não podendo ignorá-lo, começaram a apelar para o insulto, a calúnia e a mentira.

O Congresso dos Povos é o acontecimento político mais importante dos últimos tempos. Ele é o depositário das aspirações e das esperanças de todas as pessoas honradas e de boa vontade sobre a face da terra. As mais variadas correntes de opinião, as mais diversas crenças e convicções, os mais diferentes pontos de vista sobre as causas e os modos de pôr fim à tensão internacional e salvaguardar a paz encontram nele a mais livre das tribunas e o clima propício para conjugar esforços em prol do grande objetivo comum de toda a humanidade.

Por exemplo, recentemente realizou-se a Conferência Internacional para a Solução Pacífica do Problema Alemão que reuniu em Berlim personalidades de 15 países europeus. Uma delegação da Conferência foi a Viena para expor as conclusões a que chegou. A Conferência Operária Nórdica, que reuniu 434 delegados de todos os países escandinavos, enviou uma delegação a Viena. Como aconteceu em outros países, a Conferência Nacional Campanha da França decidiu fazer-se representar no Congresso dos Povos. Sob o patrocínio da Entente Parlamentar pela Paz, presidida pelo deputado liberal italiano Giuseppe Nitti, personalidades e organizações social-democratas, democrata-cristãs, independentes e sem partido atuam no Congresso. As mulheres norte-americanas lançaram a campanha «Salvemos nossos filhos» em apoio ao Congresso dos Povos. Também o apoiam organizações juvenis, como a Juventude Evangélica, a Juventude Católica, a Juventude Social-Democrata e a Juventude Alemã Livre que se deram as mãos para enviar delegados a Viena.

Estes são apenas alguns exemplos. Em nossa Pátria, a preparação do Congresso alcançou êxito considerável. O povo brasileiro sente a gravidade do período de guerra principalmente através da ameaça de ratificação do acordo militar com os Estados Unidos, cujo objetivo primeiro é o envio de nossos soldados para a Coreia. O volume, a força e a importância dos atos e manifestações que prepararam o Congresso dos Povos inspiram confiança e energia para prosseguir na luta, pois se torna cada vez mais claro que é possível deter a marcha criminoso para a guerra.

O povo brasileiro saúda calorosamente o Congresso dos Povos e acompanha seus trabalhos com emoção e interesse. Mensagens, telegramas de apoio, manifestações de solidariedade de organizações e personalidades traduzirão esse sentimento. Acompanhando os debates, que se ligam aos mais variados aspectos da vida do povo, todos os que amam a paz se preparam para divulgar e realizar com entusiasmo as resoluções do Congresso dos Povos.

Realejo Americano

Na Escola Superior de Guerra, o fascista Cordeiro de Farias pregou uma epítoca exterior firme e decidida, mesmo com sacrifícios... (por outras palavras: participação militar do Brasil na Coreia), como reconhece a própria imprensa burguesa V. «Tribuna da Imprensa», 8-XII-1952).



VOZ DOS LEITORES

Na Fábrica Cascatinha

DESEJO denunciar a terrível situação que enfrentamos, nós os operários da Fábrica de Tecidos Cascatinha, de Petrópolis, Estado do Rio.

Nesta indústria, a maior empresa têxtil do município, os operários não obstante o trabalho difícil que executam recebem salários de fome, em sua grande maioria, salários que não ultrapassam Cr\$ 1.200,00 mensais, portanto, muito abaixo do próprio salário mínimo. Os tecelões mesmo trabalhando com quatro teares não recebem mais que aquele ordenado enquanto as fiandeiras executando suas tarefas nos dois lados da máquina ganham uma miséria que não dá para nada.

Como em todas as fábricas há ainda a exigência da assiduidade integral, acrescida pelas constantes multas e suspensões e principalmente aqui pelo alto custo da vida que na verdade reduz os ordenados mensais. Para se ter uma idéia da situação que enfrentamos basta citar o seguinte fato: há dias passados uma fiandeira saiu de sua máquina a fim de ir ao reservado das mulheres deixando um dos rolos com poucos fios desgarrados. Tanto bastou para que o mestre tentasse espancá-la, mesmo sabendo ser a mesma casada e mãe de muitos filhos. O patrão nem recebeu a queixa da fiandeira, pois o mestre, ao que se sabe, é pessoa de sua confiança.

Há ainda um outro fato a merecer destaque. É

a exploração dos menores, geralmente filhos dos operários, no serviço executado pelos adultos, em troca de salários inferiores e insuficientes. Aproveito a oportunidade para denunciar publicamente as atividades do vereador Orlando Ditade, também chefe do Departamento do Pessoal da Fábrica de Tecidos. Esse cidadão docil aos interesses de seu patrão

tudo faz na Câmara Municipal para agradar à direção da empresa.

Para que os fatos apontados acima não se repitam, apelo para todos os trabalhadores da Cascatinha no sentido de que compareçam às assembleias de nosso sindicato onde juntos discutiremos uma tabela de aumento justa, a concessão do abono de natal, a extinção da assiduidade e outros tantos problemas que muito nos afligem. Organizados e unidos conquistaremos um vida melhor! (ass.) Paulo Trindada.

A Greve das Minas De Cresciuma

EM CRESCIUMA, município de Santa Catarina, localizam-se quatro importantes minas de carvão. A C. B. Carbonífera de Araranguá pertencente ao espólio Henrique Lage; a Mineração Geral do Brasil de propriedade do grupo de tubarões paulistas encabeçados por Ademir e Jafet; a Metropolitana que pertence ao homem da paz social, Euvaldo Lodi e finalmente a Boa Vista, do próprio governador do Estado, o tubarão Leopoldo Bornhausen.

Nestas minas trabalham cerca de 8 mil operários em troca de salários que não passam de Cr\$ 800,00 mensais. Por isso mesmo os mineiros de Cresciuma passam fome. Em sua maioria se alimentam apenas de farinha de mandioca com carne seca ou então sal com pirão de mandioca. Há poucos dias morreu uma criança de fome na porta da prefeitura municipal. Filha de uma família de mineiros a infeliz criança estivera durante 3 dias seguidos procurando obter um fortificante e o prefeito alegando não haver verba suficiente não quis atender o pedido. Um outro aspecto da vida miserável dos mineiros de Cresciuma se refere à moradia. Suas casas são de madeira podre e estão em grande parte localizadas em charcos lodosos. A água que bebem, além de infetada pelos gases do carvão mineral do subsolo, tem uma cor barrenta e um aspecto asqueroso.

O trabalho nas minas não oferece qualquer segurança, não havendo proteção alguma. Daí existirem centenas de mineiros doentes, sofrendo dos pulmões em virtude dos gases que aspiram, ou do coração, com a aorta dilatada. É raro aquele que consegue trabalhar dois anos consecutivos. A exploração atinge igualmente a juventude operária. Dentro das minas trabalham jovens, menores, inclusive de 14 anos. Muitos deles ficaram inutilizados para o resto da vida, aposentados com salários insuficientes, com os pulmões corroídos pelo gás grizu. As crianças de Cresciuma não conhecem escola. Ajudam seus pais nas despesas da casa carregando malas e bagagens nas estações ferroviárias e chegadas dos ônibus.

Os trabalhadores de Cresciuma não se conformam com a brutal exploração dos donos das minas. Recentemente realizaram uma assembleia da qual participaram mais de 3.000 mineiros. Nesta assembleia foi aprovada a tabela de aumento, não obstante a atitude da diretoria do Sindicato que a todo custo tentou torpedear o prosseguimento dos trabalhos. Na ocasião foi firmemente rechaçada uma proposta de advogado do Sindicato, um autêntico porta-voz dos patrões, no sentido de que os mineiros fossem ao Rio pedir

um aumento no preço da tonelada do carvão para que os patrões pudessem dar o aumento de salários. O advogado é por sinal promotor público em Cresciuma e um defensor dos patrões. Apesar de Getúlio ter dado o aumento no preço do carvão os salários não foram melhorados. Os mineiros então foram à greve em defesa de suas reivindicações. Agora encam os trabalhadores de Cresciuma a diretoria do Sindicato, e que luta realmente pelas reivindicações dos mineiros de Cresciuma, contra a tremenda e desumana exploração de que são vítimas.

(as. Américo de Almeida)

Americanos Na Noroeste Do Brasil

Lendo a VOZ OPERÁRIA n. 172 encontrei três artigos sobre ferrovias e então verifiquei que de fato esse jornal é um defensor intransigente da classe operária e por isso quando se fale de jornal deve-se falar primeiramente na VOZ OPERÁRIA.

Aqui na Noroeste o clima de perseguição é lugar comum. A fome e o terror há muito enfrentamos embora os gringos levem uma vida fácil ganhando rios de dinheiro. Na prática a Estrada de Fer-

VOZ OPERÁRIA

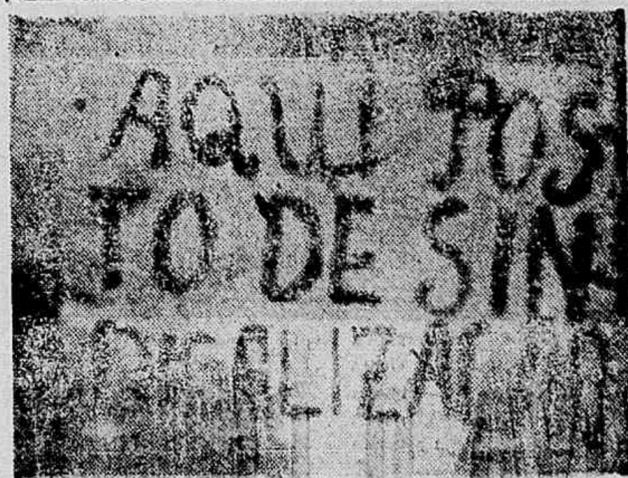
Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257 - 17º andar - Sala 1713
SUCURSALIS
SAO PAULO - Rua dos Estudantes, 84 - Sala 201
P. ALEGRE - Rua Voluntários da Pátria, 527 - S. 46
RECIFE - Rua da Palma, 285 - Sala 206 - Ed. Soci.
SALVADOR - Rua Saldanha da Gama, 23 - térreo
FORTALEZA - Rua Barão do Rio Branco, 1218 - S. 23
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 50,00
Semestral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Avulso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO - RECIFE - PORTO ALEGRE - FORTALEZA - SALVADOR e BELEM.

ro Noroeste do Brasil está sob a intervenção lanque principalmente por ser uma estrada de valor nitidamente estratégico que corta Mato Grosso e nos liga à Bolívia e ao Paraguai. A Noroeste do Brasil, atualmente dirigida por um general fascista, um tal de Marinho Lutz, está cheia de inimigos dos trabalhadores, afilhados em grande parte da administração e que ocupam cargos elevados e ganham muito dinheiro. Enquanto isso acontece uma maquinista por se ter recusado a transportar uma locomotiva defeituosa e ter denunciado o caso à direção da ferrovia foi suspenso por seis dias e está sendo submetido a um processo administrativo.

Há também na Noroeste do Brasil um chefe, atualmente em Lins, que só sabe perseguir os trabalhadores. Juntamente com um engenheiro da Companhia sabota todas as reivindicações dos ferroviários intervindo em todas as lutas reivindicatórias que contrariam os interesses dos donos da Estrada. Os operários da Noroeste do Brasil, entretanto, continuam em sua luta por aumento de salários e não vêm com bons olhos as constantes viagens de inspeção que os gringos do Fomento de Truinan fazem com frequência por essa zona. O que eles querem é o gado de Mato Grosso e as minas de manganês de Urucum.

Os ferroviários por outro lado não desejam servir de carne para canhão em nova guerra e protestam contra estas «visitas» indesejáveis. O que querem é o aumento de salários e por ele estão lutando firmemente.

(Itamar Peixoto, Lins, São Paulo).



Em oito dias de greve mais de mil operários procuraram o Posto de Sindicalização e encheram propostas para o Sindicato. Este é um traço marcante do empolgante movimento dos têxteis.

O Povo Brasileiro Fez Sua Escolha:

REPELE A GUERRA, EXIGE A PAZ

SEGUIRAM para Viena os delegados do povo brasileiro ao maior congresso já realizado no mundo: o Congresso dos Povos pela Paz. A esta altura, nada nem ninguém poderá impedir que a verdadeira voz do Brasil se faça ouvir nessa grande reunião de povos, onde homens e mulheres de todos os quadrantes, representando todas as camadas sociais e as mais variadas correntes discutirão, ampla e livremente, o problema vital de nosso tempo:

COMO PRESERVAR A PAZ.

Para que o Brasil pudesse estar presente em Viena, entretanto, foi necessário um grande esforço dos partidários da paz, um minucioso trabalho de preparação, realizado durante meses a fio. Reuniões de discussão e consulta foram promovidas em centenas de municípios. Em quase todos os Estados grandes assembleias discutiram durante vários dias

os problemas da luta pela paz, adotaram resoluções e escolheram delegados ao Congresso dos Povos.

AS PESSOAS SIMPLES DISCUTEM

O que foram essas reuniões? De que maneira o povo participou dessas assembleias? Foram reuniões como a realizada no bairro de Floresta, em Porto Alegre, em que o dono do cinema local pediu aos organizadores da assembleia que impedissem a entrada de mais gente: 2.000 pessoas superlotavam a casa. Ou como a reunião preparatória à Conferência Paulistana de Vila Formosa e Santa Isabel, também num cinema, o Cine Santa Isabel, em que 500 modestos habitantes de São Paulo discutiram os problemas do bairro, da carestia e da preparação guerreira, a luta contra o «Acordo» de guerra Brasil-Estados Unidos com

multo entusiasmo e mais sentido de responsabilidade de certos diplomatas de punho rendado, mais brilhantes, mas menos sinceros no amor à Paz.

Nem sempre, porém, essas reuniões ocorreram em cinemas ou outros recintos fechados. A Constituição assegura o direito de reunião, mas o povo não é dono de prédios e palácios, somente a duras penas consegue um lugar conveniente para discutir seus problemas. E ainda tem pela frente a polícia do governo Vargas, sempre pronta a defender os senhores da guerra, como o fez no Rio, impedindo o povo dos subúrbios de se reunir no teatro de Madureira. Muitas reuniões assumiram um aspecto festivo, como o piquenique realizado na sede do Nacional A.C., no bairro da Lapa, em São Paulo, onde três mil pessoas assistiram a um campeonato entre 15 clubes de futebol, elegeram uma rainha, dançaram, canta-

ram e manifestaram todo o seu entusiasmo aos gritos de «Paz sim! Guerra, não!»

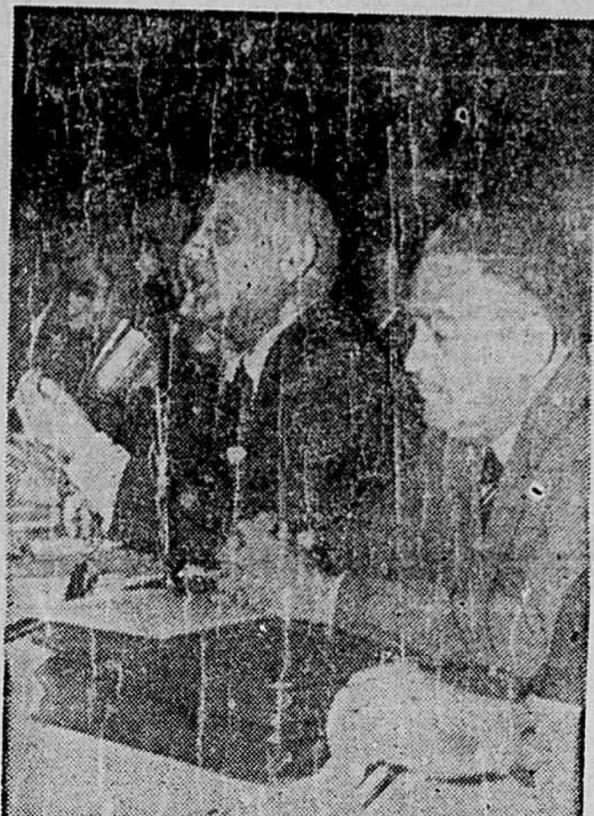
POR TODO O BRASIL, DE PONTA A PONTA

Reuniões como essas se multiplicaram pelo Brasil inteiro. As mais importantes, porém, foram as assembleias de consulta estaduais nas capitais dos Estados, ponto culminante dos trabalhos realizados no interior, nos bairros, nas empresas, de casa em casa. No Ceará, a reunião de consulta é presidida por um ilustre desembargador, Daniel Lopes. A seu lado, um operário lembra que «a guerra é um negócio dos ricos com o sangue dos pobres». Outros oradores analisam a seu modo a questão da paz. Mas todos se unem no apoio ao Congresso dos Povos e na repulsa ao «acordo» militar Brasil-Estados Unidos.

Em São Paulo, a sala azul do cine Odeon foi pequena para conter as cinco mil pessoas que compareceram à assembleia. Só a capital enfiou 500 delegados à reunião. Diante dessa multidão, deputados como Janio Quadros e Porfírio da Paz e escritoras como José Geraldo Vieira aceitam discutir o problema comum com os operários do Braz, os trabalhadores de Santo André, com homens e mulheres de todo Estado. E unanimemente adotam uma resolução condenando o «acordo militar», que «depõe contra a dignidade do povo brasileiro e impede o desenvolvimento do nosso progresso e da nossa cultura». Em Recife, o gal. Honorio Cavalcanti presidiu a grande assembleia no Teatro Almare. E no Distrito Federal, em Belo Horizonte, Ponta Grossa, Vitória, Niterói e outras capitais e centros importantes, assembleias semelhantes adotam resoluções pró-paz, muitas vezes ligadas aos problemas locais e intensamente agravados pela política de guerra do Getúlio. Em todo o Brasil, centenas de milhares de pessoas participaram dessas assembleias locais e estaduais, realizadas sob as mais diversas formas.



Monsenhor Costabile Hipolito, protonotário apostólico, vice-presidente do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, uma das personalidades que patrocinaram a preparação do Congresso dos Povos em nosso País.



O escritor José Geraldo Vieira, presidente da Comissão Paulista de Apoio ao Congresso dos Povos, é visto aqui na Assembleia Popular em São Paulo, quando discursava. Ao seu lado está o General Edgard Buxbaum.

«A PAZ NÃO É UMA SEITA»

Os preparativos ao Congresso dos Povos implicaram numa grande movimentação pró-Paz. Personalidades de todas as correntes se manifestaram sobre o problema, numerosos foram os que deram sua adesão franca ao Congresso. Para isso muito contribuiu a enquete nacional levada a campo pelos jornais do povo. Senadores, como Pasqualini; deputados federais como Raul Pila, Lutero Vargas, Coelho de Souza, padre Medeiros Neto e outros opinaram favoravelmente ao Congresso. Dezenas de deputados federais e centenas de vereadores apoiaram o conclave. Muitos participaram das assembleias e alguns embarcaram para Viena.

Mas, o que mostra, sem dúvida, a amplitude que vai assumindo entre nós a luta pela Paz é a variedade das tendências das pessoas e setores que se solidarizaram com o movimento. Desde ilustres prelados católicos como monsenhor Costabile Hipolito, cônego Antonio de Goes Bittencourt, padre Adalberto Carniço, Frei Edésio até chefes metodistas como o bispo Dacorso Filho, pastores protestantes e líderes espirituais. Desde a industrial Me-

tesario, os vice-governadores da Bahia e do Ceará, o presidente da Câmara de Recife, os prefeitos de Alegrete e Campinas, deputados como Brígido Tinoco, Getúlio Moura, Campos Vergal e tantos outros até dirigentes sindicais e líderes camponeses; desde chefes militares como o gal. Buxbaum, o cel. Olímpio de Carvalho até artistas do teatro e do cinema como Maria Dela Costa, Bibi Ferreira e Vera Nunes. Desde juristas como Silvio de Campos, o desembargador Rômulo Finame e até os craques do Corinthians, da Portuguesa de Desportos e o campeão de box Romeu Barboza.

Como é possível isto? Como se podem juntar homens tão diferentes e cujos interesses são por vezes contraditórios? A resposta, deu-a um pastor protestante na Assembleia de Consulta do Estado de São Paulo, o rev. Martinho Lutero dos Santos: «A Paz não é expressão setária, não é uma seita. É a expressão do direito de viver».

ESTA É A VONTADE DO PROLETARIADO

Em nenhuma iniciativa anterior pró-Paz os trabalhadores participaram tão intensamente

como o fizeram agora, nos preparativos ao Congresso dos Povos. Centenas de dirigentes sindicais deram sua adesão ao conclave e tomaram parte nas assembleias locais e estaduais. Somente em São Paulo, cerca de 150 sindicatos se pronunciaram favoravelmente ao Congresso, através de seus presidentes e, em muitos deles, as próprias assembleias discutiram o problema e decidiram coletivamente apoiar a reunião de Viena, inclusive enviando representantes. Um dos membros da delegação de São Paulo é Joaquim Teixeira, presidente do importante Sindicato dos Têxteis de São Paulo. Outro membro da delegação que seguiu para Viena é Etelvino Zorzi, presidente do Sindicato de Metalúrgicos de Caxias do Sul e que representará nada menos que todos os sindicatos da cidade gaúcha, que se unificaram numa iniciativa comum em pró do Congresso dos Povos e de combate ao «acordo militar».

Outras adesões importantes são a dos marítimos e portuarios, que designaram o comte. Deodoro Araújo Silva como delegado à Viena; a do Sindicato dos Motoristas do Estado do Rio, que engloba 18.000 traba-

dores, onde o Congresso foi discutido em assembleia, enviando-se também o líder da corporação, como delegado fluminense ao Congresso dos Povos. A do Sindicato da Light, dos garçons, dos marceneiros, dos jornalistas, etc., do Distrito Federal; a do presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Morro Velho, os tecelões, metalúrgicos e padeiros do Estado do Rio, a de dirigentes e assembleias sindicais de Santo André, Sorocaba, Recife, Paulista, João Pessoa, Rio Tinto, Rio Grande e inúmeros outros grupos de trabalhadores em quase todas as cidades industriais do país.

A quase totalidade dos sindicatos baianos assinou um documento de condenação ao infame «acordo militar». Iniciativa idêntica tomaram mais de 200 ferroviários do Ceará, ao subscreverem uma carta coletiva contra o «acordo». Contribuição valiosa à causa da Paz deram igualmente os 30.000 têxteis do Distrito Federal que, entrando em greve contra a miséria, souberam, em passeatas e outras manifestações públicas, lutar sua luta por melhores salários à luta contra o «acordo», manifestando também seu apoio caloroso ao Congresso dos Povos.

INICIATIVAS DOS JOVENS E DAS MULHERES

Particularmente importante foi a atuação das mulheres e dos jovens que, tanto na ação geral pró-Congresso, como nos movimentos que culminaram na 1.ª Assembleia Nacional de Mulheres e no Encontro de Confraternização da Juventude, exprimiram o profundo sentimento de amor à Paz que anima as mães brasileiras e o entusiasmo da juventude na defesa de seu direito sagrado à vida.

PARTICIPAÇÃO DOS CAMPONESES

Os camponeses também participaram dos trabalhos preparatórios ao Congresso, realizando iniciativas como a Conferência Camponesa da Zona de Catalão, levada a cabo apesar de feroz repressão policial. Roceiros chegaram a andar 10 leguas a pé para participar da reunião. Ou como a reunião da Fazenda Lageado, em Goiás, à qual compareceram cerca de 300 camponeses. Ou, ainda, a manifestação de dezenas de camponeses de Ca-

xias em defesa de nossas riquezas minerais e contra o «Acordo Militar». Da assembleia de consulta do Distrito Federal também participaram delegados da Associação de Lavradores de Santos Imo.

Em São Paulo, onde o trabalho de divulgação do Congresso alcançou maiores proporções, o camponês Olimpio Bondezan, membro da delegação a Viena, exprime os sentimentos da massa camponesa do Estado, ao declarar na assembleia paulista: «Lá no campo, ninguém quer guerra. Plantamos arroz, algodão, café e demais produtos para a paz. Então por que vamos produzir para a guerra? Por que fazemos tratores? É porque compramos armas e aviões de guerra, deixando-os sem máquinas».

A delegação brasileira não partiu para Viena de mãos vazias. Ela levou uma contribuição apreciável de nosso povo à causa comum da preservação da Paz. Qual é essa contribuição? Ai está: Em primeiro lugar, não há nenhum soldado brasileiro na Coreia. E não por acaso, mas como resultado da luta e da vigilância de nosso povo. Os brasileiros levaram também para Viena mais 5.200.000 assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz, o que não exprime ainda todo o desejo de paz do povo brasileiro, mas constitui um pronunciamento que nenhum governante, nem hum provocador de guerra poderá deixar de levar em conta impunemente. Há cidades, como São Paulo e Santo André, em que praticamente toda a população adulta assinou o Apelo. Além disso, são os brasileiros portadores de uma já rica bagagem de luta contra as consequências da política de guerra de Getúlio de desmascaramento sistemático e impiedoso da propaganda guerreira entre nós e de todo um acervo de campanhas que mostram um fato que os preparativos ao Congresso dos Povos só veio confirmar e tornar evidente: nosso povo repele o caminho da guerra, nosso povo procura trilhar, e certamente o fará, um novo caminho, o caminho da paz que é o caminho da independência nacional, do progresso e do bem-estar para as massas. Em poucas palavras: nosso povo quer o caminho da paz e por isso é contra o «Acordo Militar», o acordo de guerra.

ÊLES FICARÃO ÓRFÃOS?

O DIA 12 DE JANEIRO se aproxima inexorável. Em duas celas sombrias da sinistra prisão americana de Sing-Sing um homem e uma mulher — um jovem casal — vêem passar com ansiedade cada minuto. Todo o mundo está convencido de sua inocência. Mas, desgraçadamente, não existe a mesma segurança em relação a outro problema: o braço assassino que aciona a alavanca da cadeira elétrica será contido? Os homens da guerra e do crime recuarão?

No centro desse drama atroz, que é também vivido por milhões de consciências humanas pelo mundo afora, estão duas crianças: Michael, de oito e seu pequeno irmão, Robbie, de apenas quatro anos, filhos de Julius e Ethel Rosenberg, o casal de judeus americanos condenados à morte. Robbie, certamente, não terá noção do que se passa: Michael, porém, está atônito: «Enão beijarei mais papai e mamãe?».

Se há uma festa das crianças, essa é o Natal. Como Michael e seu irmãozinho Robbie passarão este Natal? numa cela To. ego-eu .friz Onde estará o carinho de mamãe Ethel? (Mamãe Ethel está presa numa cela triste c Sing-Sing e quando a neve estiver caindo na janela do apartamento de Michael e de Robbie, mais frio ainda ficará o carcere). E o pre-

sente que papai Julius devia pôr nos sapatinhos de Michael e de Robbie?

Na sua completa inocência o pequenino Robbie apenas não sentirá a infantil alegria do Natal. E Mike? Como será o Natal dessa criança, no florir dos seus oito anos, sabendo que papai e mamãe poderão morrer no dia 12 de janeiro? A condenação à morte de Julius e

duas crianças americanas vivem um drama pungente

Ethel Rosenberg é um desses crimes para os quais pena alguma será bastante. Mas, ainda não foi consumado. Impecamo-lo, então, em nome de tudo quanto há de nobre e de belo sobre a terra!



Os Estados Unidos são o país do linchamento legal. Sacco e Vanzetti foram condenados e mortos, apesar de inocentes, como ficou amplamente provado depois. Mac Gee morreu inocente na cadeira elétrica, pelo crime de haver nascido nos Estados Unidos e de ter a pele negra. A lista de crimes em nome da lei (da lei

do racismo, da lei da guerra, da lei do dolar, da lei da histeria anti-soviética) é grande demais. E' em nome dessa lei, sem uma prova sequer, que os Rosenberg estão condenados à electrocussão. São judeus, são pessoas honradas (ele um jovem engenheiro, ela uma dona de casa como tantas outras), preferem a paz para si e para seus filhinhos à louca aventura da guerra. Filhos leais da America, não podem aceitar a chantagem da histeria anti-soviética.

O processo dos Rosenberg — acusados de se haverem apoderado do segredo atômico quando esse segredo não mais existia — é uma farsa que nem a própria imprensa dos trustes pôde «cultar. Com essa condenação o terror fascista nos Estados Unidos chega a um ponto tal que nenhuma pessoa, em qualquer parte do mundo, poderá sentir-se tranqüila. Porque, depois do caso Rosenberg, que de monstruoso não poderá vir?

Podemos salvar as vidas de Julius e Ethel Rosenberg. Mas, não há um minuto a perder. Dirija-se por carta, telegrama ou telefone à Corte Suprema, ao Presidente dos Estados Unidos ou à Embaixada Americana no Rio. Convide seus amigos, seus vizinhos, seus companheiros de clube ou de trabalho a que façam o mesmo. Eis os endereços: Mr. Chief Justice, The Supreme Court of the United States, Washington, D. C., Estados Unidos.

The President, The White House, Washington, D.C., Estados Unidos.

Embaixada dos Estados Unidos, avenida Presidente Wilson, 165, telefone 52-8157 — Rio, Distrito Federal.

23 — Dezembro — 23

em nova fase

Democracia Popular

AGORA UM SEMANÁRIO

Divulgando no Brasil, apenas 15 dias depois de sua publicação na Europa:

- a mais autorizada orientação marxista sobre os acontecimentos mundiais
- comentários sobre o desenvolvimento da luta pela paz em todos os países.
- artigos dos principais dirigentes do movimento comunista mundial

- informes sobre a luta dos povos coloniais e dependentes (do Irã, Indonésia, Viet-Nam, Malaia, Birmânia, Índia e outros)

A PARTIR DE 23 DE DEZEMBRO, COM TODOS OS AGENTES, EM TODAS AS BANCAS E POSTOS DE JORNAIS E REVISTAS



NUMA de nossas reportagens, fizemos referência à longevidade em diversos países. Alguns leitores mostraram-se particularmente interessados no número de pessoas de mais de 100 anos existentes na URSS — cerca de 30 mil — e pediram, enviando-nos cartas e mesmo vindo à redação, que confirmassem com maiores detalhes a informação. E' com prazer que vimos ao encontro do desejo desses nossos leitores, transcrevemos abaixo o texto publicado na abalizada revista «Etudes Soviétiques», de julho do corrente ano.

«A UNIAO SOVIETICA conta 30 mil centenários, dos quais mais de 2.700 vivem na Ucrânia. E' isto o que atesta o fichario do Instituto de biologia junto a Universidade de Kharkov, cujo estabelecimento não tem sido consultado há coisa de vinte anos.

Vê-se no clichê, A. Khmarska, de 118 anos residente na vila de Borchtchi, Distrito de Kotovsk, região de Odessa, ladeada pelos seus bisnetos. Mais de um século separa as duas gerações»



Michael e Robbie aí estão sorridentes, num inverno feliz. Nos Estados Unidos, é inverno quando se festeja o Natal. Como será este ano para Michael e Robbie?

CRÔNICA INTERNACIONAL

A Misteriosa Viagem De "Ike" à Coréia

EXISTE, nos Estados Unidos, uma famosa organização especializada em auscultar a opinião pública, o Instituto Gallup, que resolveu fazer um inquérito em torno da seguinte pergunta: «Será que os Estados Unidos cometeram um erro ao intervir na guerra da Coréia?» Eis o resultado: de cada grupo de cem pessoas consultadas, 43 responderam que foi um «erro», 37 disseram que não foi erro e 20 abstiveram-se, certamente com medo de que sua resposta fosse controlada pelo «Federal Bureau of Investigations».

«Apreciando sua própria estatística, o Instituto Gallup chega à seguinte conclusão: «Evidentemente, a guerra da Coréia é o fator que mais contribuiu para a derrota do Partido Democrata a 4 de novembro. No transcurso de quase dois anos, os eleitores norte-americanos vêm considerando que nossa participação na guerra da Coréia é um erro e ainda hoje continua pensando assim».

Tanto é assim que o general Eisenhower fez a sua promessa famosa. E foi à Coréia. Viajou misteriosamente, como se estivesse realizando uma operação de guerra e não uma gestão de paz. Os humilhados coreanos de Seul submetidos ao toque de recolher, encarcerados às centenas,

não puderam vê-lo. Por que viajou o general? Não pela simples razão de ter prometido, o que foi afinal de contas um simples truque eleitoral. Ele se meteu num avião militar pela simples razão de que as mães norte-americanas estão cobrando a efetivação da promessa. Não é sem razão que as mulheres norte-americanas desenvolvem uma campanha intitulada «Salvemos a vida de nossos filhos». A viagem de «Ike» é mais um capítulo da farsa iniciada nas eleições. Agora, o general de Wall Street procura um meio de frustrar as esperanças de milhões de norte-americanos. O serviço de imprensa de seu Estado Maior já anuncia que «os soviéticos pretendem impedir o cumprimento da promessa do general-presidente».

Eisenhower já está repetindo, palavra por palavra, as mentiras e calúnias de Truman. Faz a guerra ao povo coreano e

acusar cnicamente a URSS de impedir a paz. Por que não se manifesta sobre a posta de Vichinsky de cessação imediata do fogo e retirada de todas as forças estrangeiras da Coréia?

Não é isto o que exigem os eleitores americanos?

Em lugar disto, o que faz é proclamar que Singman Ri, o Calabar coreano, é um «grande homem». E anuncia sua intenção de pedir os conselhos de Mac Arthur, cujos planos são gozadamente conhecidos: emprego da bomba atômica, bloqueio da costa chinesa, ataque à China Popular, utilização das hordas mercenárias de Chiang Kai Chek refugiadas em Formosa. Somente um cego não vê que «Ike» quer é entender o conflito e não acabar com ele. Não é por acaso que Foster Dulles, o homem que deu o sinal para acender o estopim na Coréia, é seu secretário de Estado.

Uma nova consulta do Instituto Gallup que pergunte «Você votaria de novo em Ike?» daria uma alta percentagem de votos contrários...

A inclusão do caso da Tunísia e Marrocos na ordem do dia da ONU é uma das causas inconfessadas da crise do bloco imperialista nas Nações Unidas. Como poderiam esses senhores receber de bom grado a perspectiva da discussão de seus crimes nas colônias e países dependentes?

Agora mesmo o massacre de Casablanca, onde 50 pessoas perderam a vida sob as balas da famigerada Legião Estrangeira, mostra o que é a civilização dos imperialistas franco-americanos. A chacina foi feita para reprimir as manifestações de solidariedade aos trabalhadores tunisinos pelo assassinato do líder operário Hached. E chegou ao ponto de ser bombardeada por aviões militares franceses a sede da Confederação dos Trabalhadores Marroquinos.

É evidente que a selvageria imperialista no norte da África, onde os americanos construíram bases estratégicas, não indica que estejam sentindo o terreno seguro. O vulcão colonial entrou em ação. E o destino dos colonialistas está traçado.

MOBILIZEMOS O POVO CONTRA O "ACORDO MILITAR"

João AMAZONAS

Há três semanas o Comitê Nacional do Partido Comunista tornou pública importante resolução sobre o «Acordo Militar» entre o Brasil e os Estados Unidos. Lutador intransigente em defesa da paz, da soberania nacional e do bem-estar do povo, o Partido de Prestes alertou nesse documento todos os brasileiros para a mais grave ameaça que pesa hoje sobre o país — a ratificação desse «Acordo» criminoso pelo Parlamento Federal.

«A transformação de semelhante carta de escravização em lei do país — assinada a resolução do Comitê Nacional — constituiria um crime sem precedentes, seria ameaça à vida do nosso povo e mais um grave passo no caminho da completa colonização do Brasil pelos imperialistas americanos.»

Esta grave situação coloca na ordem do dia a necessidade imperiosa e

urgente da mobilização popular. Todos os brasileiros precisam se unir para enfrentar a ameaça guerreira e colonizadora contida nesse «Acordo». Todos os brasileiros precisam ocupar seu posto de combate e travar a luta pela vida e a liberdade da Pátria, contra o colonizador americano e seus lacaios.

Mas, para mobilizar o povo com presteza, é necessário desenvolver vasta campanha de esclare-

cimento popular. Nas cidades e no campo, entre os diferentes setores da população, é preciso que chegue a verdade sobre o «Acordo Militar».

É necessário esclarecer por que os interessados na ratificação do «Acordo», sabendo da repulsa popular, falseiam os fatos e escondem o significado e os objetivos reais do «Acordo». Pretenderam primeiramente fazê-lo passar em silêncio, mas, alertada a opinião pública pelos patriotas, em particular pelos comunistas, e iniciados os protestos no país, apelaram eles para o subterfúgio e para a mentira, visando confundir o povo. Alguns exemplos demonstram isto com bastante clareza.

Na Câmara Federal, os adeptos do «Acordo» procuram adrede diminuir sua significação. Dizem, por exemplo, que o «Acordo» nada mais é que uma «reafirmação dos postulados inscritos na Carta da ONU», que nenhuma nova obrigação acarreta ao nosso país. Eles bem sabem que o compromisso do Brasil com a ONU é um compromisso do nosso país com todas as nações membros da ONU para a salvaguarda coletiva da paz, obrigação que nos impõe deveres somente quando o Conselho de Segurança, por unanimidade das cinco grandes potências, considere violada a paz em qualquer parte do mundo, enquanto que o «Acordo Militar» é um

compromisso do Brasil com os Estados Unidos que nos impõe a obrigação imediata de preparar o país para a guerra, segundo os termos de uma lei americana, e a participar de qualquer conflito em que sejam envolvidos os expansionistas ianques.

Já o sr. João Neves, ministro do Exterior, proclama aos quatro ventos, que o «Acordo Militar» não obriga o envio de tropas para o estrangeiro. «Isto não consta do texto», diz esse empregado da Standard, pensando embair os que foram procurar no texto exatamente as expressões por ele usadas. Mas lá está, no texto do «Acordo», com todas as letras, a declaração categorica de que os governos dos Estados Unidos e o do Brasil «reafirmam a decisão de cumprir as obrigações militares assumidas por acordos ou tratados bilaterais ou multilaterais em que ambos sejam partes». Lá está, também no texto do «Acordo», a afirmação solene de que o governo brasileiro concorda em receber os funcionários e oficiais do outro governo (do governo americano) incumbidos de desempenhar as obrigações relacionadas com a execução deste «Acordo». Quem pode ter dúvidas que obrigações militares só podem ser cumpridas com o envio de tropas? E que vêm fazer em nosso país oficiais americanos? A mentira como se vê tem pernas curtas...

De outra parte, o sr. Afonso Arinos, líder da UDN, depois de insinuar divergências sobre o «Acordo», apresentou à Câmara um projeto de lei, determinando que o envio de tropas para o estrangeiro só deve ser feito com a aprovação do parlamento, coisa aliás estabelecida na Constituição. E declarou que bas-

tava a aprovação de semelhante lei para que o «Acordo» pudesse ser ratificado sem perigo. «Aprovamos o «Acordo», mas só enviaremos tropas com a autorização do parlamento!» — exclama grotescamente esse agente encapuçado dos ianques. Seu objetivo é deslocar o centro da questão, que é o compromisso militar, para problemas tais como atribuições do Executivo ou do Legislativo no envio de tropas. O «Acordo Militar» junte nosso país ao compromisso formal e pratico de participar das guerras em que os Estados Unidos se envolvam, como ocorre atualmente na Coreia. Se os deputados ratificam agora o compromisso, que impede que eles mesmos ratifiquem também seu cumprimento — o envio de tropas? Mas o sr. Afonso Arinos «não vê» perigo, com tal projeto, na aprovação do «Acordo»...

Estes fatos são bastante ilustrativos.

Todos esses lacaios do imperialismo americano o que procuram é enganar o povo e desviá-lo da ação concreta contra a ratificação do «Acordo Militar». É certo que seus argumentos capciosos não encontram repercussão nas pessoas mais familiarizadas com os problemas políticos. «Se de fato o «Acordo» não nos impõe graves obrigações — raciocinam muitas pessoas — por que toda essa campanha da imprensa «sadia», esse regime de urgência na Câmara, essa pressão aberta dos círculos oficiais e dos jornais americanos? Mas, numa grande parte da população estes ardis provocam dúvidas e confusões. Muitos patriotas se tranquilizam com os argumentos do inimigo, outros pensam que se trata apenas de agitação comunista.

POR isso é necessário esclarecer mais e mais o povo. Difundir por toda parte a verdade sobre o «Acordo Militar». É preciso desmascarar e responder os argumentos falçados dos defensores desse crime contra o povo e contra a Pátria.

«Precisamos esclarecer a milhões de brasileiros — diz a resolução do Comitê Nacional — para que não sejam enganados pelas mentiras do governo e de todos os provocadores de guerra.»

É assim que mobilizaremos o povo brasileiro. É assim que derrotaremos os incendiários de guerra e os agentes do imperialismo americano no Brasil.

DOIS CAMPOS, DUAS POLÍTICAS

Há alguns meses este flagrante foi apanhado na cidade de Tunis: dezenas de milhares de pessoas levam ao cemitério o corpo de um patriota tunisiano assassinado pelos colonialistas franceses. Tendo em vista os acontecimentos desta semana, não é difícil concluir que de nada valeu aquela sangrenta repressão às aspirações de independência da Tunísia: os franceses voltaram a matar, assassinando o secretário geral da Confederação dos Trabalhadores Tunisianos, Ferit Hached, provocando uma incontrolável onda de protesto não só no país como em outras regiões do norte da África. Os povos árabes querem viver livres. Os colonialistas terão que bater em retirada.



★



No clichê ao lado, um aspecto do grandioso combinado textil de Szegeed, na Hungria. A democracia popular transforma o país numa potência industrial trabalhando e produzindo para o bem-estar de seu povo. A maquinária é toda ela fabricada pela moderna e altamente desenvolvida indústria de máquinas da União Soviética. Esses equipamentos são fornecidos na base stalinista do novo tipo de relações internacionais que surge no mundo. A URSS fornece máquinas, ajuda e estimula o desenvolvimento industrial do país. As máquinas funcionam em benefício do povo húngaro e não para exportar lucros.

Getulio mandou, Getulio é responsável



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO

N.º 2.659 — 1952

Aprova o Acordo de Assistência Militar assinado no Rio de Janeiro, em 15 de Março de 1952, entre a República dos Estados Unidos da América e os Estados Unidos da América do Norte...

MENSAGEM N.º 109 A QUE SE REFEREM OS PARÁGRAFOS Senhores Membros do Congresso Nacional.

De conformidade com o artigo 66, I, da Constituição Federal, tenho a honra de submeter à Vossa apreciação, acompanhado de uma Exposição de Motivos do Ministro de Estado das Relações Exteriores, o texto do Acordo de Assistência Militar, firmado com o Governo dos Estados Unidos da América...

Exposição de Motivos do Ministério das Relações Exteriores Em 25 de março de 1952. A Sua Excelência o Senhor Doutor Getúlio Dornelles Vargas, Presidente da República.

Nos últimos dias de dezembro de 1951 o Governo dos Estados Unidos da América...

da América propôs ao Governo brasileiro a celebração de um Acordo de Assistência Militar...

12. Nessas condições, creio que o presente acordo, que assinai a 15 do corrente, após haver recebido autorização de Vossa Excelência...

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência, Senhor Presidente, os protestos do meu mais profundo respeito.

João Neves da Fontoura

Clismo dos vende-pátria: chamam de 'acordo' a um ato de submissão vergonhosa para cumprir leis americanas. E que leis são essas? São leis lanques dispendiosas para realizar a guerra segundo a definição do senador Cannon: fazer a guerra com os filhos de outros países...

Também aqui é evidente que se trata do envio de tropas brasileiras para o exterior. As palavras 'missões relevantes' são dourar a pilula. Isto quer dizer missões importantes, grande combate, batalhas de grande envergadura, que custam milhares de vidas humanas.

claro que se trata de uma arma para a Coreia. A Proposição das forças armadas das Nações Unidas não quer outra coisa. Sob a bandeira das Nações Unidas os americanos realizam uma guerra de agressão e extermínio contra o povo coreano. Sob esse disfarce, querem com o sangue dos brasileiros...

ACORDO DE ASSISTÊNCIA MILITAR

Entre a República dos Estados Unidos da América e os Estados Unidos da América do Norte...

1.º - Tendo em mente os compromissos, que assumiram pelo Tratado Interamericano de Assistência Recíproca...

2.º - Cada Governo se compromete a fazer uso eficaz da assistência recíproca do outro...

3.º - Serão negociados ajustes para a restituição, a um ou outro Governo...

4.º - A bem da segurança comunicada, o presente acordo não transferirá...

5.º - Serão fundos distribuídos para a realização de quaisquer programas de assistência...

6.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

7.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

8.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

Quando o Governo tomara as medidas apropriadas...

2.º - Cada Governo se compromete a fazer uso eficaz da assistência recíproca do outro...

3.º - Serão negociados ajustes para a restituição, a um ou outro Governo...

4.º - A bem da segurança comunicada, o presente acordo não transferirá...

5.º - Serão fundos distribuídos para a realização de quaisquer programas de assistência...

6.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

7.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

8.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

9.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

Medidas de segurança para proteger segredos de guerra, segredos americanos, segredos contra o povo. Isto significa a infame lei de segurança e mais a polícia americana contra os patriotas brasileiros...

ÉIS O ACORDO DA TRAIÇÃO

Que quer dizer 'uso eficaz de armamentos'?

Humilhação intolerável! Pelo artigo IV os gringos ficam com o direito de extraterritorialidade...

Quando o Governo tomara as medidas apropriadas...

2.º - Cada Governo se compromete a fazer uso eficaz da assistência recíproca do outro...

3.º - Serão negociados ajustes para a restituição, a um ou outro Governo...

4.º - A bem da segurança comunicada, o presente acordo não transferirá...

5.º - Serão fundos distribuídos para a realização de quaisquer programas de assistência...

6.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

7.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

8.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

9.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

Medidas de segurança para proteger segredos de guerra, segredos americanos, segredos contra o povo. Isto significa a infame lei de segurança e mais a polícia americana contra os patriotas brasileiros...

Automáticos do gosto correspondente. Os privilégios acessórios à condição diplomática...

2.º - Ambos os Governos negociarão entre si ajustes para a classificação de funcionários e oficiais...

3.º - O Governo da República dos Estados Unidos da América...

4.º - A bem da segurança comunicada, o presente acordo não transferirá...

5.º - Serão fundos distribuídos para a realização de quaisquer programas de assistência...

6.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

7.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

8.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

9.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

Medidas de defesa econômica e controles comerciais, isto é, listas negras contra firmas comerciais...

Para eliminar as causas de tensão internacional e de cumprir as obrigações militares...

2.º - Ambos os Governos negociarão entre si ajustes para a classificação de funcionários e oficiais...

3.º - O Governo da República dos Estados Unidos da América...

4.º - A bem da segurança comunicada, o presente acordo não transferirá...

5.º - Serão fundos distribuídos para a realização de quaisquer programas de assistência...

6.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

7.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

8.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

9.º - Cada Governo tomará as medidas de segurança que em cada caso ajuste com o outro...

Medidas de defesa econômica e controles comerciais, isto é, listas negras contra firmas comerciais...

Os nazistas fizeram o mesmo: os países ocupados tinham que custear as despesas dos ocupantes...

E ainda mais: teríamos que pagar o ocupando com o dinheiro dos impostos. E claro: dinheiro arrancado do povo para financiar uma lei de guerra americana...

Isto significa que qualquer concessão feita por qualquer outro local dos americanos em outro país do continente acabará valendo também aqui no Brasil...

O acordo, em vigor um ano depois de denunciado. Pior: as cláusulas mais escabridas só podem ser denunciadas quando os americanos quiserem...

Este acordo entrará em vigor na data em que o Governo da República dos Estados Unidos da América...

Os dois Governos, por solicitação de qualquer deles, se consultarão a respeito de qualquer assunto relacionado com a aplicação...

Medidas de defesa econômica e controles comerciais, isto é, listas negras contra firmas comerciais...

O ano de Wall Street.

O local.

7 DIAS NO BRASIL

O GEN. Cordeiro de Farias, esse novo Góis Monteiro das provocações fascistas, abriu o bico para recitar o recado do amo: Wall Street está inquieta, quer mais dinheiro, quer escravos, quer mercenários para a Coréia. Todo um programa dos fatores de guerra para o Brasil foi clínica e minuciosamente enunciado por seu agente Cordeiro de Farias. E tudo numa linguagem tão descarada que muitos políticos da reação ficaram chocados, não tiveram nem coragem de elogiar logo o discurso, olhando para os lados a ver se o povo estava escutando. Mas o número de clínicos é maior e o discurso foi o sinal para que toda a máquina de propaganda de guerra se pusesse em ação pregando a aprovação do «acordo» militar, a «liberdade» integral para os capitais estrangeiros e o terror fascista. Graças à gritaria encomendada, o povo brasileiro também tomou conhecimento do discurso. Seu programa, porém, é muito outro...

★★★

SEM DISFARCES

GOVERNO e Câmara continuam a tripudiar sobre o funcionalismo, com avanços e recuos no abono para os barnabés. Estes, porém, não acreditam em raposas fantasiadas de Papai Noel e preferem confiar nas próprias forças. Reforçam sua organização, criam a diretoria da Seção Me-

tropolitana da União Nacional dos Servidores Públicos. Por outro lado, em suas danças e contra-danças, vai o governo deixando cair os disfarces, como aquele que apresentava o representante de Vargas, Mario Altino, como abnegado barnabé e campeão do funcionalismo. Foi-se ver e o hemem era um nababo: 48 mil cruzeiros mensais só de aposentadoria.

★★★

SEQUESTROS

OS jornalistas Luiz Maranhão, no Recife, e José Gerender, na Bahia, são sequestrados pela polícia e o serviço secreto do exército sob comando americano. Dois crimes, dois atentados brutais à Constituição que vêm se juntar aos muitos processos com que se ameaçam a se condenam jornalistas como Pedro Motta Lima, Elias Chaves e outros. E a grita que se fez contra a lei de segurança fascista em defesa da liberdade de imprensa, quando do incidente com o espoleta Lacerda, recalcado triunfalmente na sua função de provocador profissional a serviço da Standard? — Foi apenas uma farsa. Mas farsa não são os protestos do povo, de todos os patriotas honrados, que há de crescer até libertar as vítimas do terror inamovível.

★★★

CRESCER A AMEAÇA

O imperialismo exige e o governo se agoda em prestar serviço: quer, a todo pano, que antes de 53 já tenha sido aprovado o «acordo militar». A pressão é grande. O almirante Natchaler, velho criminoso de guerra, vem aqui dizer que o «acordo» é «de mútua vantagem para os dois países», embora fique para os EE. UU. toda a «muita vantagem». Neves, contorcendo-se em salamaleques, procura aplacar a ira do amo em Washington: diz que ninguém é contra, é só por brincadeira que alguns se opõem ao documento de

guerra. Enquanto isso, porém, Morena desmascara os agentes americanos na Câmara, que impedem o exame das proposições do deputado comunista. Outros parlamentares lançam novos ataques ao «acordo». E os protestos populares assestam golpes ainda muito maiores, como o pronunciamento coletivo dos sindicatos balanos, secundado por manifestações de dezenas de sindicatos em todo o país, de milhares de têxteis e da Câmara do Distrito Federal e de outras assembléias e entidades.

Os lanques põem o povo dispõe.

★★★

«REFORMA DE BASE»

SIAU o prefeito Vital, do Distrito Federal. Entrou outro, escolhido por Getúlio. A Light, porém, continuará a mandar. Outros também serão demitidos por Getúlio e colocados em novos postos. Para substituí-los, Getúlio chamará ainda outros que serão substituídos em seus postos por tantos outros, talvez os mesmos que foram antes demitidos de seus primitivos cargos. Homens trocarão de lugares, como numa quadrilha bufa, enquanto os que sempre mandaram continuarão a mandar: os trustes, os ricos, os grandes fazendeiros.

No Cateite chama-se a isso «reforma de base». E a dança continuará até o dia em que o povo mudar tudo isso realmente pela base.

Lamúria de Patrão Não é Abono

ELES PODEM PAGAR, POIS GANHAM RIOS DE DINHEIRO — OS OPERÁRIOS PRECISAM, POIS GANHAM UMA MISÉRIA

Entramos nos dias decisivos para a conquista do Abono de Natal. De norte a sul do País levantam-se milhares de trabalhadores para exigir essa reivindicação que significa realmente completar os salários do mês de dezembro.

LÁGRIMAS DE CROCODILO

Os capitalistas que jamais deram o abono por sua vontade, começaram a inventar mil e um artifícios para negá-lo no corrente ano. Alguns industriais dizem que não obtiveram lu-

cos suficientes para dar um mês de salário como Abono. Empresas como a Light querem enganar novamente os seus empregados com o «empréstimo» cujos descontos nos paga-

mentos dos meses seguintes vão desfiar a mesa pobre do trabalhador. Além disso, outros são tão cínicos que chegam a dizer que só depois de publicado o balanço, eles, os «nobrezinhos» poderão estudar a possibilidade de dar o abono. São capazes de derramar lágrimas para ver se conseguem evitar o dispêndio de alguns cruzeiros, daqueles milhões arrancados durante o ano.

OS PATRÕES PODEM PAGAR O ABONO

Mas, se é simples a tarefa magnatas expor suas «dificuldades», suas «despesas», seus «compromissos», quando os operários não estão a par dos seus grandes negócios, muito difícil lhes será manobrar diante dos fatos. Todos os industriais podem pagar o Abono, podemos afirmar baseados nos balancetes publicados em 1951, e na base dos quais publicamos os lucros de algumas empresas.

CAPITAL

LUCROS EM 1951

Nitro Química	300.000.000,00	69.000.000,00
Santa Marina	110.000.000,00	77.682.200,00
I.R.F.M.	600.000.000,00	418.621.000,00
Brahma	360.000.000,00	144.738.000,00
Antártica	320.000.000,00	40.400.000,00
Linhas para coser	210.000.000,00	76.500.000,00
Jafet	100.000.000,00	15.400.000,00
Santa Celina	70.000.000,00	37.650.000,00
Grupo Light	1.000.000.000,00	459.520.000,00
Ford	190.000.000,00	284.040.330,00
Studebaker	126.000.000,00	50.880.000,00
Frigorífico Wilson	200.000.000,00	41.900.000,00
Frigorífico Armour	55.000.000,00	23.013.000,00
Braz Motor (S. Bernardo)	100.000.000,00	103.431.000,00
S.A.M.S. (Moinho Santista)	432.000.000,00	100.050.000,00
Moinho Fluminense	300.000.000,00	103.760.000,00
Cia. Souza Cruz	320.000.000,00	79.885.000,00
Cia. de Tecidos Nova América	80.000.000,00	54.414.000,00
Cia. Deodoro Industrial	60.000.000,00	34.222.000,00
Cia. América Fabril	192.000.000,00	53.478.000,00
Fábrica Bangu	162.000.000,00	90.440.000,00

A Light, por exemplo, desperdiça com o Abono para seus 27 mil empregados — 1.500 cruzeiros em média — cerca de 40 milhões de cruzeiros e ainda lhe sobram mais de 600 milhões. A «Bangu», dando um mês de salários como Abono aos 4.000 têxteis, não

gastará mais de 5 milhões de cruzeiros enquanto seus lucros são de 90 milhões. E, assim todas as empresas podem pagar, sobrando-lhes ainda muito dinheiro.

Em 52 os lucros foram maiores ainda. Subiram todos os preços e os salários ficaram na mesma

maior combatividade, reforçam sua unidade de ação em torno dessa reivindicação sentida e se organizam para os duros combates que se avizinham. No Dis-

trito Federal inúmeras empresas e respectivas sindicatos desenvolvem a campanha. O abono é uma das reivindicações da greve dos têxteis.

SÓ A LUTA DARA' A VITÓRIA

O Abono de Natal não é uma dúvida que cai do céu. Os patrões ganham milhões mas não concedem o Abono se a isso não forem obrigados. Os trabalhadores brasileiros têm a prova disso, quando nos anos anteriores foram obrigados a ir

à greve para conquistá-lo. E é para que os patrões não se limitem a dizer «não» sem receber a resposta enérgica da classe operária que é necessário desde agora reforçar a unidade e a organização nas fábricas e nos Sindicatos, preparar a vitória.

NÃO SE PODE ABRIR MÃO DO ABONO

Os trabalhadores precisam de abono e não é por um simples capricho.

Aproxima-se o Natal e Ano Novo e, apenas com os seus salários de fome, e com a carestia cada vez maior não poderão pagar suas dívidas comprar uma roupa para seus filhos ou mesmo um pouco mais de alimentos para sua família. Eles que constroem as fortunas dos industriais e sabem que os lucros são enormes não desejam uma esmola; exigem um mês de salários como Abono de Natal. O governo,

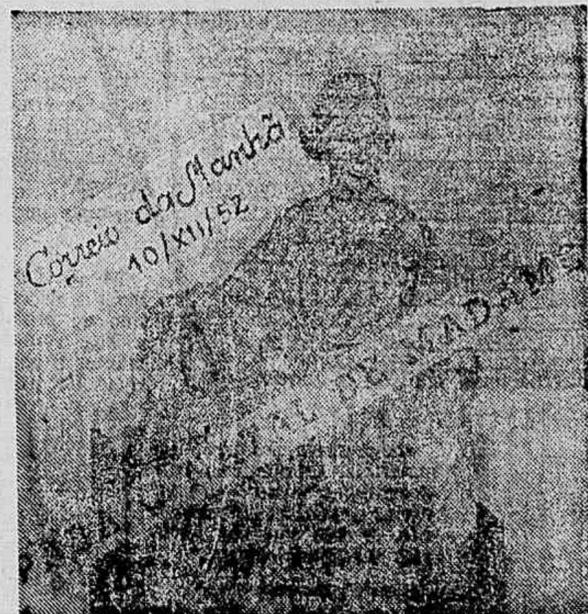
constituído de tubarões como Lafer, Jafet, Cleofas, Getúlio ligados a Silveirinha, Chateaubriand e outros promotores de bacanais como a de Coberville negam abono e aumento para os trabalhadores de suas empresas enquanto no fim do ano, instituem o chamado «natal dos pobres» para dar migalhas de esmolas nas filhas que convergem ao Cateite. Não! Os trabalhadores não querem esmolas. Os trabalhadores lutarão pela conquista de seu direito.

UNIDADE DE AÇÃO PELA CONQUISTA DO ABONO

E, já se movimentam os operários. Em São Paulo os metalúrgicos e os têxteis entraram em ação.

Uma assembléia de 400 metalúrgicos no Sindicato elegeu uma Comissão Central pro-Abono que distribuiu listas a 23 empresas. Os têxteis também já estão fazendo correios memoriais em todas as fábricas, destacando-se a SAMS da 4a. Parada que já conta com mil assinaturas. O conjunto das assinaturas colhidas será entregue à Federação das Indústrias como exigência do Abono. Na recelagem Jafet e Santa Olímpia, o tubarão Jafet prometeu dar 2 meses de abono. Com isso

ele queria impedir que os trabalhadores continuassem correr os memoriais. Mas, os operários compreenderam o estratagem e redobram seus esforços na coleta de assinaturas. E, assim, prossegue ativo o movimento pro-Abono, também em outras corporações. São os marceneiros, os pedreiros, os vidreiros, os ferroviários como os da Santos-Jundiaí que já recolheram 1.800 assinaturas. E, o movimento cresce, assembléias cada vez mais numerosas são realizadas nos sindicatos, são formadas as Comissões pro-Abono em cada empresa, os trabalhadores assumem cada vez



Assim os ricos preparam o Natal de suas madames. Peles, joias e perfumes que custam milhares e milhares, que valem fortunas. Só com o que uma grã-dama dessa carga sobre o corpo os capitalistas poderiam pagar um mês de abono para dezenas de operários, senão mais. Eles podem pagar. E os operários precisam.

É significativo que os mesmos jornais que se principio, embora timidamente, tinham começado a noticiar objetivamente a greve dos textéis, acabaram por estampar notícias divulgadas pela polícia: — precisamente quando se afirmavam, os primeiros sinais da vitória dos grevistas. Então apareceu a «infiltração comunista», e a Ordem Política e Social passou a constituir o Q. G. das informações à imprensa sadia.

Tiro ao Alvo

EGYDIO SQUEFF
torneiro:

— «A gente anda e para a frente».

Sim, a gente anda e para frente. Vamos, motorneiro, e que os passageiros não desçam. Para frente!

ROSALVO de Oliveira chegou em casa e viu que não adiantava mais nada. Então abriu o gás e deixou-se morrer. Morreu lentamente — informa sua esposa. E depois, na polícia:

— Há muitos dias Rosalvo não dormia. Muitas vezes eu o vi fumando cigarro sobre cigarro, quando me acordava durante a noite. Saía cedo de casa e regressava noite alta. «Não arranjer nada — dizia — prometeram emprego para amanhã». Até que se matou.

Até que se matou. Entretanto o sr. Getúlio Vargas diz que a miséria é um crime.

Diz isso entre as fumaças do seu charuto, quem sabe para encobrir o cadáver de Rosalvo de Oliveira.

clamou, e o espanto se transformou em solidariedade.

O bonde seguiu, com estas palavras do mo-



La Passionária, mãe amada do povo espanhol.

Crianças Espanholas Na União Soviética

HA 15 anos chegavam à URSS centenas de crianças espanholas. Eram filhos de combatentes republicanos aos quais o grande país de Stálin dava guarda, protegendo-os contra o terror franquista. Hoje estas crianças já se tornaram homens e mulheres adultos. Que destino tiveram sob o socialismo? Como construíram suas vidas? Realizaram ou não seus sonhos juvenis? Escutemos seu depoimento.

Uma comparação expressiva

R. Mendezona escreveu: «Daquels meninos que há 15 anos chegaram à URSS, centenas terminaram seus estudos em escolas superiores ou de ensino técnico e outros tantos estão estudando ainda. Entre eles há mais engenheiros que os que terminaram os cursos em 1951 nas três Escolas de Engenheiros Industriais da Espanha. Essas escolas, sob Franco, são acessíveis unicamente a uns poucos jovens bafejados pela fortuna.

Na URSS terminaram seus estudos superiores ou os estão cursando mais moças bascas do que as que hoje estudam na Universidade de Bilbo. Enquanto a Falange lança a palavra de ordem medieval «desalojar as mulheres da Universidade», as mães espanholas transpõem as portas da maravilhosa Universidade de Moscou.

Eloquentes biografias

Mendezona continua: «É interessante recordar algumas biografias. Anastasio Macilla, professor de Economia Política da Universidade do Moscou, é filho dum simples operário basco. José Arias, filho dum operário astriano fuzilado pelos fascistas em 1934,

é engenheiro. Aida Rodríguez, filha dum operário, também é engenheira. Emilio Aparicio, filho dum operário, é matemático e breve regerá uma cadeira. José Ortega, filho dum operário de Bilbo, é engenheiro agrônomo do «sovkos» Frunze. Pedro Legaz, filho dum operário de La Arboleda (Biscaia), é economista e trabalha como chefe de seção num ministério. Mjreu Arana, nascida em família operária, é pediatra e seu irmão Luiz terminou a Faculdade de Filosofia e ganhou uma bolsa Stálin. Angel Mendez, engenheiro de pontes e estradas, é filho dum metalúrgico da Biscaia. Clarita Martínez perdeu seu pai ainda muito pequena, os fascistas o fuzilaram em 1934. Sua mãe morreu de fome sob a sangrenta dominação de Franco. Hoje Clarita é médica na região de Moscou.

Alegria do trabalho criador

Eis o que diz Antonio Hernandez: «Sou filho dum operário comunista que morreu nas frentes da Espanha lutando contra o fascismo.

Acaso eu poderia imaginar algumas vez que frequentaria a escola durante sete anos e poderia terminar o curso de belas artes? Eu só poderia realizar meus sonhos na União Soviética.

Lecciono na Escola de Decoração Artística em Madri. Vivo e trabalho na magnífica capital, Moscou. Sintó orgulho e satisfação quando vejo que meu modesto trabalho é proveitoso e necessário à ingente construção que aqui se realiza em toda parte. Participei na decoração do edificio gigante da Praça Smolensk e na construção do mobiliário para o novo edificio da Universidade de Moscou, nas Colinas Lênin. Meu desejo é participar da construção de edificios tão formosos na terra libertada duma Espanha livre e democrática.»



No intervalo de uma das reuniões da Organização das Nações Unidas palestram animadamente os delegados de países do mundo da paz com assento na ONU. Da esquerda para a direita Kiselev, da Bielorrússia; Sekaninova Cakrtova, da Tchecoslováquia; Gromiko e Vishinski, da URSS; Skrzyszewski, da Polónia; e Baranovsky, da Ucrânia.



«Brigadas» é o nome do desenho animado tcheco de que se vê uma cena, acima. Os filmes e desenhos animados produzidos na Tchecoslováquia não são exibidos nos cinemas brasileiros: o truste americano do cinema não deixa.



Reclamando uma reforma universitária, 17 mil jovens de quatro universidades peruanas vêm realizando poderosas manifestações, como a que se vê aqui, promovida pelos alunos da tradicional Universidade de São Marcos, em Lima. O governo do ditador Manoel Odría procura reprimir com a polícia e forças militares essas demonstrações, mas os jovens dizem que sabem o que querem e se mantêm firmes.



«Não entregaremos a terra!», grita esta jovem camponesa italiana ao ser presa juntamente com sua avó. Sua luta foi victoriosa e a terra não lhes foi tomada. De 1948 a 1950, em diferentes lutas com o governo, morreram 62 camponeses italianos, 3.626 foram feridos, 92.119 presos, dos quais 19.306 condenados a um total de 8.626 anos de cárcere. Assim é a «democracia cristã» de De Gasperi.

"Tira o Retrato de Getúlio! Bota o Retrato de Altair!"

O SINDICATO, QUARTEL-GENERAL DA GREVE, FUNCIONA COMO UMA USINA
— UNIDADE PELA BASE: ORGANIZAM-SE AS COMISSÕES DE EMPRESA —
AGIGANTA-SE A SOLIDARIEDADE

GREVE! Milhares de têxteis não compareceram ao trabalho na manhã de 5 de dezembro. As fábricas Cruzeiro, Carioca, Corcovado, Deodoro e muitas outras silenciaram. O movimento se estendia por toda a cidade.

No Sindicato, centenas de trabalhadores entravam e saíam entusiasmados com a ação, enquanto as primeiras manifestações de solidariedade se faziam sentir. A Comissão de greve e a Diretoria tomavam medidas para fortalecer o movimento tais como a organização das Comissões de solidariedade, os piquetes etc. Os piquetes, logo após serem formados, partiam em direção às empresas que ainda estavam em funcionamento, a fim de avisar aos seus companheiros que a assembléia geral do Sindicato havia declarado a greve geral dos têxteis. Centenas de grevistas os acompanhavam. Os piquetes foram bem sucedidos, pois, onde eles chegavam eram reconhecidos pelos demais trabalhadores que, logo em seguida, abandonavam o trabalho.



Parentes, amigos, companheiros de trabalho, dirigentes do Sindicato dos Têxteis prestam ao jovem operário Altair Paula Rosa uma última e solene homenagem. A polícia de Getúlio o matou.

ALTAIR, FUZILADO DEPOIS DE SER PRESO

Chegando na Fábrica Confiança, onde os operários estavam trabalhando a força, cerca de 1.500 operários foram recebidos por tremenda fuzilaria de dezenas de tiras que se atocaiavam detrás dos portões e muros. Caiam os operários ante as balas assassinas.

Eram jovens e mulheres que estavam sendo massacrados pela polícia de Getúlio que os atacava pelas costas. Os trabalhadores lutaram e se defenderam como podiam, com pedras e paus que arremessavam contra os policiais. Mas, os bandidos da rádio-patrolha e da polícia especial vieram reforçar o massacre. Do interior da fábrica se libertaram os trabalhadores. Entre as vítimas do tiro, o jovem operário Altair Paula Rosa perdeu a vida. O operário Orlando Ferreira Joana testemunha de vista e um dos feridos revelou que Altair se resguardara num edifício de apartamentos. E foi dali arrancado e coronhado e depois fuzilado com um tiro na nuca, como fazem os americanos com os prisioneiros na Coreia.

"TIRA O RETRATO DE GETULIO! BOTA O DE ALTAIR!"

O assassinato de Altair aousou a mais profunda revolta entre os têxteis e demais trabalhadores. O seu enterro, apesar das manobras da polícia de Getúlio que escondeu o corpo durante 3 dias, foi concorrido. Inúmeros sindicatos além dos têxteis, estão com a sua bandeira a meio pau sobre a sua bandeira e dos

para consolidar a sua organização. Inúmeras comissões de empresa estão sendo formadas ou reestruturadas. Essas comissões é que tratam dos problemas dos operários de cada empresa. Já estão funcionando as comissões da Bangu, do Cottonificio Gávea, da Corloca, da Cruzeiro, Moinho Inglês, Mavilis, entre outras. Reforça-se pela base o proletariado têxtil enquanto, só nos primeiros dias de greve se sindicalizaram cerca de 650 novos trabalhadores. Os patrões e o governo que pensavam fazer fracassar a greve com medidas selvagens, não fizeram senão unir ainda mais os trabalhadores em sua luta.

NINGUEM PARA PUXAR O APITO DA BANGU

As manobras e ameaças dos patrões caem no vazio ante a unidade e a organização dos grevistas. Na fábrica Bangu, permaneceram em trabalho algumas seções, Silveirinha, para dividir a classe e enfraquecer o movimento lançou uma proposta de concessão do aumento que, na prática, não atingia nem o salário mínimo. O Sindicato convocou uma assembléia para discutir a proposta. E, à noite, cerca de 5 mil têxteis lotavam o Sindicato, sendo que os 4.500 operários da Bangu enviaram uma representação de mais de mil têxteis para levar a sua determinação de não aceitar a conversa de Silveirinha. De Bangu veio operário que nunca estivera na cidade, tal o interesse que despertou a assembléia. Quando a proposta foi apresentada, nem os operários da Bangu nem os demais presentes deram sua aprovação. A unanimidade rejeitou-a e que serviu para reforçar mais ainda o grande movimento. No dia seguinte, terça-feira, a Bangu ficou completamente parada. A fábrica não abriu porque não teve ninguém que puxasse o apito.

SOLIDARIEDADE

Dezenas de Comissões chegam ao Sindicato trazendo seu apoio e solidariedade aos têxteis. Sapateiros, metalúrgicos, alfaiates, portuários, aeroviários, hoteleiros, bancários, trabalhadores da Light, etc., arrecadam dinheiro e o enviam aos têxteis. "Os sindicatos estão promovendo assembléias que deliberam enviar ajuda financeira a exemplo do Sindicato dos Alfaiates que doou 5 mil cruzeiros. Em S. Paulo, todos os setores de trabalho estão correndo listas de ajuda para os grevistas cariocas. Bancários e têxteis de S. Paulo mandaram delegações de Solidariedade. Na assembléia do domingo à noite, a representante da U.G.T. de S. Paulo, Herondina Arruda, saudando os grevistas disse que quando o governo trata dos interesses dos trabalhadores leva mais de um ano para resolvê-los e, assim mesmo, contra. Mas quando são os interesses dos patrões e do governo que

estão em jogo como é o caso do Acôrdo Militar com os Esados Unidos, então eles querem aprovar a toque de caixa. A massa presente vibrou aos gritos de "Avante o Acôrdo Militar".

APOIO DOS CRAQUES DO FLAMENGO

Comissões de solidariedade percorrem a cidade e são bem recebidos pelo povo. Os jovens, como as mulheres atuam com entusiasmo. Um desses grupos foi atacado pela polícia que arrancou a bandeira do Sindicato de suas mãos e a rasgou. Mas, de nada valeu a violência. As moças voltaram a coletar dinheiro. A prisão da rainha dos têxteis, ordenada pelo lacaio Quaresma do Lanificio Alto da Boa Vista, teve de ser relaxada. Cresce a solidariedade de todo o povo. Normalistas, radialistas, estudantes secundários trazem as suas contribuições. E, os craques Adãozinho, Beto, Jadir, Joel e Antoninho, do «mais querido» clube do Brasil, o «C. R. Flamengo» enviaram ao Sindicato uma lista com a sua contribuição. Os camponeses de Duque de Caxias enviaram grande quantidade de generos e frutas para os grevistas e a Associação dos Lavradores está preparando uma grande remessa de mantimentos. E com ajudas com essas e com dinheiro recebido que o Sindicato está mantendo uma cozinha para os têxteis em luta. E com essa ajuda que serão mantidas as famílias dos grevistas. Daí sua importância decisiva.

O SINDICATO UMA USINA EM AÇÃO

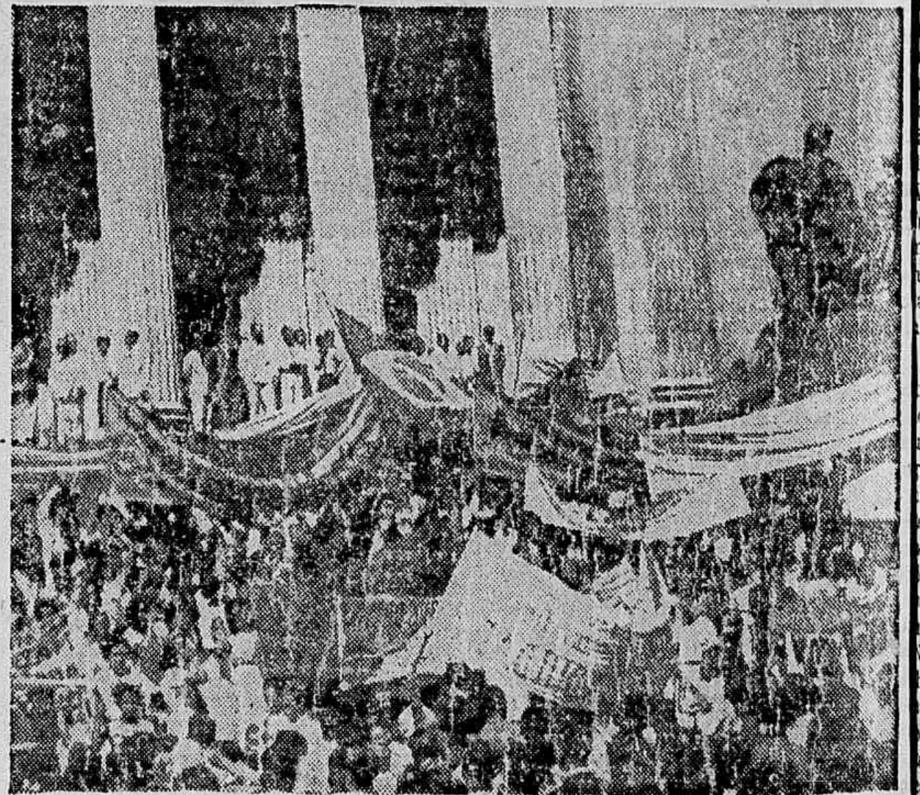
A sede do Sindicato está transfigurada, cheia de car-



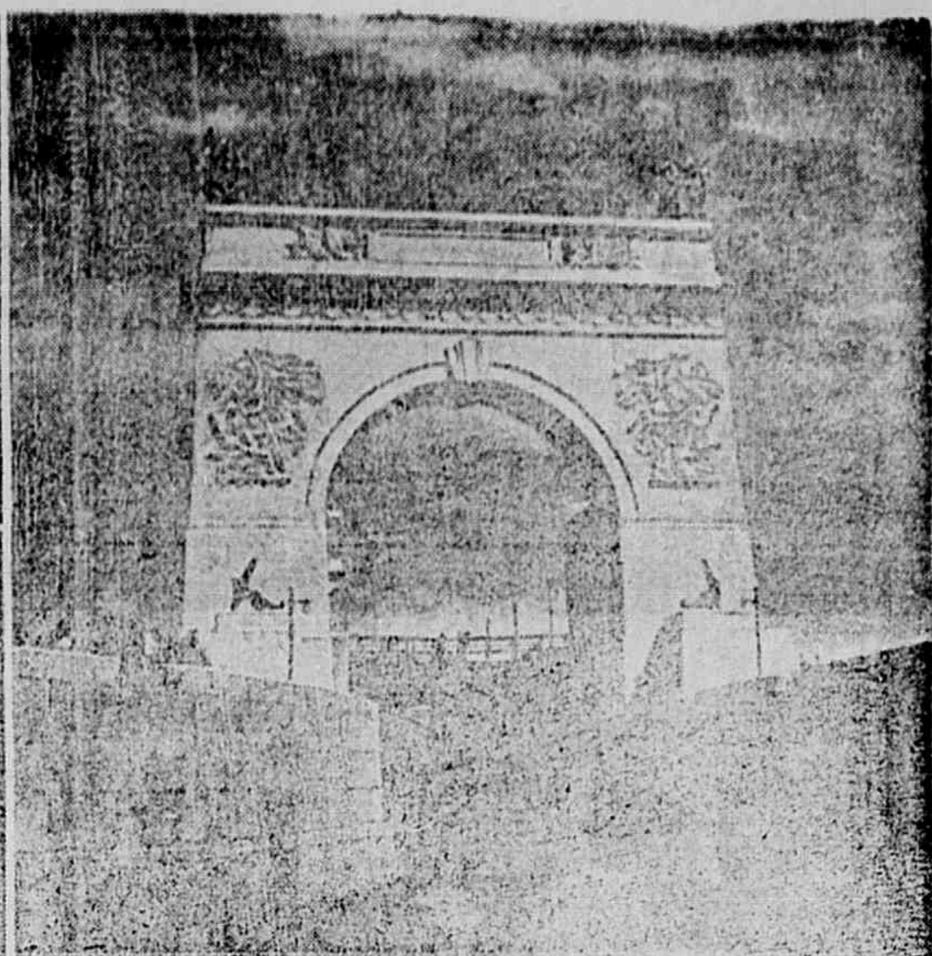
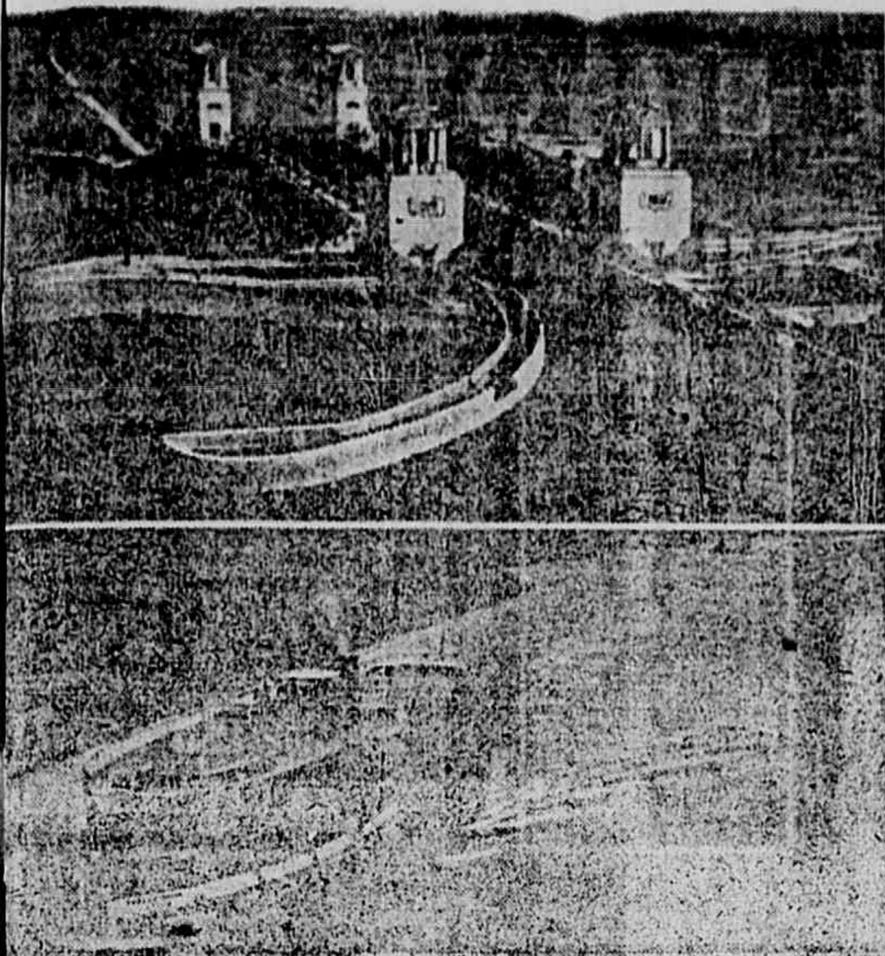
Parentes, amigos, dirigentes do Sindicato, companheiros de trabalho e das horas de alegria, foram prestar a Altair, o mártir dos têxteis a derradeira homenagem

tazes e dizeres no portão e na fachada do prédio. Lá onde regurgitam noite e dia os trabalhadores, uns os têxteis e outros os que vão levar sua solidariedade, só se fala em vitória. Líderes do proletariado como o vereador Antenor Marques e o deputado Roberto Morena são aplaudidos quando tomam a palavra. Os pa-

tes começam a se apavorar com a extensão da luta e pedem providências ao seu chefe Getúlio para que lhes mande socorro. Mas, de nada valem as ameaças quando os têxteis se encontram unidos e organizados, contando com a solidariedade dos demais trabalhadores e de todo o povo brasileiro.



Na Câmara dos Deputados cinco mil têxteis, ao mesmo tempo em que pediam a solidariedade de para sua causa, entregaram um memorial contendo mais de mil assinaturas contra o Acôrdo Militar e exprimiam nos anais do Congresso dos Povos Pela Paz, que se inaugurou em Viena



Assim está o majestoso canal Volga-Don depois de construído. A esquerda, ao alto, a comporta n.º 10; em baixo, navegando no canal. O clichê da esquerda reproduz monumental arco do triunfo da comporta n.º 13, isto é a entrada do canal pelo lado rio Don.

OS RUÍDOS HISTÓRICOS

POR
BORIS POLEVOI

ALGUNS operadores dos estudos de filmes documentários que se haviam proposto a árdua e complicada tarefa de registrar, passo a passo, o processo de nascimento de uma das maiores construções do comunismo, organizaram para um grupo de amigos a audição da gravação dos ruídos das obras.

Foi também convidado para assistir a esta original sessão o chefe de um grande setor, construtor famoso, que já uma vez foi chamado como protótipo para o personagem.

AS MÁQUINAS TAMBÉM FALAM

O aparelho começou a funcionar e na saletta anfitriã irromperam os ruídos que todos conhecíamos, e a que cada um de nós já se tinha habituado. Eu não podia pensar que aquela simples gravação de ruídos fosse capaz de retratar tão expressivamente quanto os inteiros das obras. Às vezes, os ruídos se fundiam num só acorde musical, outras vezes dividiam-se em vozes soltas, perfeitamente definidas.

Com um golpe concentrado, um grande martelo a vapor enfia no solo uma viga de aço. O metalreme, furioso, submetendo-se a viva força às marteladas rítmicas e tenazes. Os motores elétricos e uma escavadora model zumbem com suave e incessante trepidação. Nota-se que o titã trabalha sem dificuldade; apenas as correntes da caçapa tilintam surdamente e a massa de terra, vindo do alto, recorda os que estiveram na frente de batalha o estrondo compacto de uma mina ao deflagrar. Ran-

gem metodicamente as engrenagens de uma draga de sucção; ouvem-se entrecortadas vozes do comando, o zumbido apagado de uma fresa gigantesca, uma enterjeição que escapa ao piloto num momento de raiva, e até a suave queixa que sai da terra com o desmoronar das vertentes corroidas. Uivam, frenéticos, os motores dos poderosos «bull-dozers», suas facas destruidoras rangem contra o solo duro;

A GORA passa o trecho onde estão impressos os ruídos dos históricos acontecimentos da última semana, ruídos que já se extinguíram e que não tornarão a repetir-se. A voz pausada do chefe das obras pronuncia pelo rádio:

— Ordeno que se desobstrua a vala. Vamos fazer o Don passar através da represa.

O ligeiro tilintar da armadura da grua de ponte, o ranger das comportas a se levantarem, o jorroador da água que se precipita

central de um dos nossos melhores livros dedicados à vitoriosa edificação comunista. A assistência se instalou numa pequena dependência do hotel do povoado, enchendo-a de tal modo que se tornava impossível mexer-se na sala. Como prova de particular respeito não se pôde fazer mais que instalar o construtor num local próximo à mesa, reservando-lhe a cadeira existente no recinto. Para melhor efeito, apagou-se a luz

como que ressentido, um «scraper» recolhe a terra em sua caçapa; advertem, inquietas, as buzinas das cisternas de concreto. E, sobrepondo-se a todos esses ruídos, dominando-os, a simples voz humana do chefe do centro de controle transmite ordens pelo rádio, fazendo com que se movimentem homens e grupos de máquinas, e que parece dirigir toda aquela multidão de sons e ruídos mecânicos.

QUANDO O DON MUDOU DE CURSO

no canal inferior, primeiro com precaução, como que tateando o caminho, mas que logo adquire força e se transforma num formidável rugido e, sobrepunhando esse barulho da água, a explosão da alegria humana, os gritos, os aplausos, os assobios de entusiasmo com que os construtores acolhem as primeiras ondas que se precipitam pelo imenso calice de concreto.

Em seguida, outra série de ruídos: o corte do Don, no momento em que o homem soviético, o homem-criador disse com firme-

— Que maravilha! O homem, o criador o construtor domina todos esses gigantes de aço, que bramem, que gritam, estridentes, que fazem ruído... — ressoa na obscuridade a voz pueril de um pintor, a quem os construtores viram nas últimas semanas, nos lugares mais inesperados, sobraçando alburnos e lapins.

— Silêncio! Não interrompa! — susurra alguém.

za ao poderoso rio: deixa o teu leito secular, do-

bra para um lado, subordina-te à minha vontade, faz o que eu mando!

É perfeita a impressão das palavras emocionadas que o chefe do setor, um engenheiro entusiasmado, pronunciou sobre o grande povo soviético e o Partido Bolchevique quando se dirigiu aos construtores naquele momento histórico, e sua ordem de iniciar o corte do Don, e o bramido compacto da interminável fileira de caminhões carregados de pedras que iam rodando por uma pequena ponte de madeira, e o estrondo dos blocos de pedra que recordava as descargas das «Katiushas» na frente de batalha. Os sons reproduzem exatamente o rugido furioso do rio, as sucessivas descargas de pedras que despençavam, toda essa terrível luta do homem soviético com o rio enfurecido, verdadeira batalha de vida e de morte. As forças do rio, entretanto, se esgotam, a água vai se tornando serena; a torrente já não tem o

mesmo ímpeto, e por fim apenas redemoinham os jorros do rio, apaziguado e vencido. E, novamente, já com a voz mais calma e fatigada, fala o chefe do setor.

— Felicitos-vos, camaradas! Graças aos vossos esforços o Don foi cortado em oito horas e quarenta e cinco minutos, e não em trinta e cinco horas.

Os ouvintes já não podem cumprir a promessa de guardar silêncio. Estragem aplausos. As exclamações se interrompem umas às outras.

— Estupeado! Maravilhoso! E pensar que tudo isso pertence já à história e não voltará a repetir-se!

— Não, o essencial não é isso. Tudo isto, não realmente, se repetirá mais de uma vez em maiores proporções. O essencial é que no ano de dois mil e tanto, os cidadãos soviéticos poderão sentir a pulsação a qual das obras que eles já verão em todo o seu esplendor.

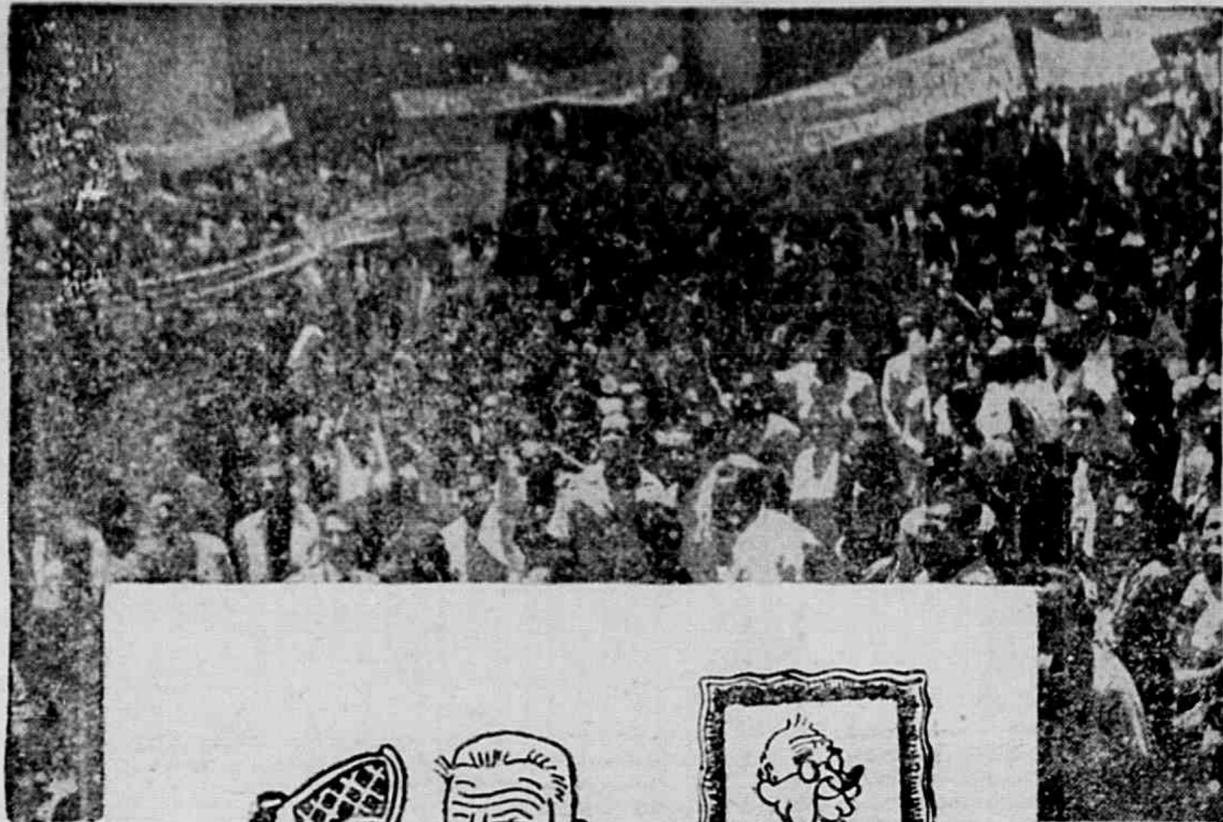
POR QUE ACENDERAM A LUZ?

— Que lhe parece? — perguntou a diretora do grupo de operadores ao construtor. O construtor se mantinha calado.

Alguem acendeu a luz e nós vimos que aquele homem, que costumava surpreender a todos por sua tranquilidade, que — na hora solene e emocionante em que as águas do Don ao se precipitarem na enorme escavação, submetia a uma dura e severa prova o ano e meio de esforços

dos construtores — permanecia calmo, como uma estátua, com sua capa agitada pelo vento, sobre a crista da represa ainda inacabada, contemplando a avalanche da água, estava agora inquieto, aferrado à mesa, emocionado e comovido, e se voltou bruscamente para a parede quando acenderam a luz da sala.

A quem teria ocorrido acender a luz tão fora de tempo?



CIRO REZENDE: Pois bem... abriremos um inquérito...

★
Ao alto, os têxteis em passeata, saindo da rua da Imprensa; à direita, de cima para baixo: concentração junto ao Ministério do Trabalho, desfilaro pela avenida Antonio Carlos, e dois outros flagrantes tomados na Câmara dos Deputados. 5 mil tra balha dores conquistaram a praça pública

ASSIM COMEÇOU A GREVE DOS TÊXTEIS

EM 1951, diz uma publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas seis mil têxteis do algodão entre 24.000 ganhavam mais de 1.200 cruzeiros. Ao todo há mais de 30.000 têxteis no Distrito Federal. Em 1952, como é sabido, a situação não melhorou, mas tornou-se mais negra ainda. Havia em 1951 e continua havendo em 1952 fome nos lares dos trabalhadores.

Não é de admirar, portanto, que os têxteis tenham acorrido com entusiasmo ao apelo: todos ao Sindicato para lutar por aumento de salário. Em várias assembleias começaram a forjar a sua grande arma de combate, a união de todos. O operário em luta busca a unidade como a árvore que cresce e lança os galhos para o alto em busca de luz do sol.

Na luta contra os salários de fome, os têxteis deram as mãos a seus irmãos trabalhadores de todas as profissões, unindo forças contra a assiduidade. Eles se tornaram um dos baluartes da Comissão Intersindical Contra a Assiduidade Integral. Um dirigente sindical têxtil, Astrogildo Pereira Ramos, foi eleito presidente da Comissão Executiva Nacional da CISCAL.

COMO SURTIRAM OS 60%

As assembleias sindicais optaram pelo dissídio e o T. R. T., como sempre, num processo prolongado, acabou concedendo-lhes um aumento de 60% sobre os salários de 1949, embora em 51 a situação já fosse de fome como vimos. O T. R. T. não esqueceu de submeter o aumento à cláusula odiosa da assiduidade.

Os 1.500 têxteis que compareceram ao julgamento para fiscalizar os juizes ficaram indignados. E ali mesmo organizaram um desfile pelas ruas da cidade. Bradavam sua re-

pulsa a assiduidade e davam vazão a seu ódio contra as medidas de guerra que aumentam brutalmente a carestia da vida. Os cartazes dos manifestantes diziam em grossas letras: «Abaixo a assiduidade», «Abaixo a carestia», «Viva a Paz».

15.000 TÊXTEIS ADVERTEM O GOVERNO E OS PATRÕES

Mas nem assim os patrões quiseram pagar. Recorreram ao Tribunal Superior do Trabalho. Eles já sabiam de antemão qual seria o resultado. Tanto assim que o diretor da «Cordoaria Brasileira» esfregava as mãos e anunciava que os operários iam perder.

Os têxteis aguardavam com paciência. Mas recordaram que o T. R. T. costuma tomar decisões com o fim do T. S. T. poder cortar no recurso. Pura manobra para ganhar tempo, esticar o assunto e dar tempo à polícia e aos desagregadores do movimento.

Por isso mesmo resolveram fazer uma solene advertência. No dia do julgamento — 4 de dezembro de 1952 — 15.000 têxteis, a metade da corporação, suspenderam o trabalho. Seis mil deles foram ao T. S. T. para fazer sentir que os 60% já eram uma conquista feita, que não admitiriam redução alguma, que exigiam era a retirada da cláusula da assiduidade.

A GOTA QUE TRANSBORDOU A TAÇA

A decisão do T.S.T. esgotou a paciência operária: 42% sobre os salários de 1948. O presidente do Sindicato, Francisco Rodrigues Gonçalo, exclama com ira incontida, nas bocanhas das ziguezags

— Esta justiça está vendida aos patrões! Ao mesmo tempo um brado poderoso sai de milhares de peitos operários: — Greve! Greve!

Tinha caído a gota d'água que faria a taça transbordar.

IMPRESSIONANTE DESFILE

Ali mesmo organizou-se um desfile de protesto pelas avenidas da Esplanada do Castelo. Um coro ecoava fortemente, abalando o coração da cidade: «Greve pelos 60%». O povo os aplaudia e marchava com eles. Surgiram faixas e cartazes. Apareceu até a velha e gloriosa bandeira da antiga «União dos Operários das Fábricas de Tecidos». Engrossando pelo caminho, apoiado pelo povo, o desfile de protesto chegou à Câmara. Uma comissão entregou um memorial contra o «acôrdo militar» com cerca de mil assinaturas e outro de apoio ao Congresso dos Povos Pela Paz.

GREVE, RESOLUÇÃO UNANIME

Mais de seis mil têxteis, em seguida, superlotaram a sede do Sindicato. Estavam prontos para o combate e se reuniam para deliberar no seu quartel-general, na casa do trabalhador, o Sindicato. Era preciso dar uma lição aos patrões gananciosos. Além dos 60% era preciso conquistar o abono de Natal. É assim um exército operário em luta: a massa delibera, os líderes devem velar pelo cumprimento de sua vontade. E a resolução foi unânime pela greve. Assim desencadeou-se a maior greve do Distrito Federal nos últimos tempos, sobre cujo desenvolvimento damos uma reportagem na próxima página.

